

A música popular na Universidade e suas possibilidades metodológicas: contribuições etnomusicológicas e antropológicas.

Comunicação

Rafael Souza Palmeira
Universidade Estadual de Campinas
rafapalmeiraa@gmail.com

Resumo:

As atividades inerentes aos cursos de graduação em música popular, demandam proposições metodológicas diferentes das adotadas nos cursos dedicados à música erudita. Nesse sentido, este trabalho tem o intuito de refletir a adequação de alguns conceitos e procedimentos utilizados no âmbito acadêmico voltado ao ensino, pesquisa e prática da música popular, bem como suas possíveis aplicações como ferramentas metodológicas. Para tanto, serão realizadas aproximações entre artifícios e diretrizes presentes em obras de cunho antropológico e etnomusicológicos, e algumas demandas inerentes às atividades dos cursos de Música Popular na Universidade. Inicialmente, será compartilhada uma breve análise das relações entre educação musical, etnomusicologia e suas atuações no ambiente universitário em questão. Na sequência, procedimentos e conceitos adotados nos trabalhos de Seeger (2015) e Velho (1987) serão explorados a partir das peculiaridades da música popular. Finalizando (e assumindo o ambiente universitário como lugar privilegiado para o estudo, pesquisa e prática da música popular), uma resumida investigação das potencialidades de aplicação do método etnográfico, seus desdobramentos e atuações neste importante campo da música será realizada.

Palavras-chave: Música Popular; Educação Musical, Etnomusicologia.

Introdução

Tradicionalmente, os cursos de graduação na área da música tiveram a música erudita como seu principal âmbito de atuação. Independentemente da subárea (Educação Musical, Performance, Composição, etc.), a música de concerto europeia predominava (e por que não dizer monopolizava?) no que tangia às reflexões, pesquisas e práticas no ambiente acadêmico. Entretanto, a partir do início da segunda metade do séc. XX este panorama começou a se modificar, e outras manifestações musicais denominadas por “música popular” começaram a ser objeto de interesse do meio acadêmico. Sobre isso, Napolitano (2002, p. 15), afirma que

(...) a música “popular” permaneceu como filha bastarda da grande família musical do Ocidente, e só a partir dos anos 60 [sec XX] passou a ser levada a sério, não apenas como veículo de expressão artística, mas também como objeto de reflexão acadêmica.

No Brasil, este período se refere a um contexto mais amplo, de nova visão a respeito das Ciências Humanas, não atingindo apenas, especificamente, a área da música. No universo acadêmico musical brasileiro, a implantação do pioneiro curso de Música Popular na universidade Estadual de Campinas (UNICAMP) na década de 80 (TORRES et al., 2017) confirma tal tendência. Desde então, diversas Instituições de Ensino Superior têm incorporado esse campo da música em seus cursos de graduação e pós-graduação. Assim, a música popular vem gradualmente deixando de ocupar um espaço coadjuvante, e assumindo uma posição de protagonismo no cenário educativo artístico-musical brasileiro. Entretanto, tal conquista traz consigo alguns desafios relativos às peculiaridades pertinentes a este universo.

No ambiente universitário, que tem a música erudita como foco principal, todas as atividades acadêmicas têm como base um repertório predominantemente registrado em notação musical ocidental. Assim, em uma aula de instrumento serão trabalhadas técnicas, estudos e obras cuja principal ferramenta de transmissão (se não a única) é a partitura. Não devemos diminuir a função e importância do tutor; mas mesmo ele tem no texto seu principal parâmetro final no processo de ensino-aprendizagem. Idem para outras disciplinas como composição (que explora técnicas composicionais presentes em determinados períodos e determinadas obras, cujo registro é, predominantemente, escrito), harmonia e contraponto (cujos estudos ocorrem, principalmente, pela análise textual) e até mesmo práticas de conjunto (nas quais estuda-se repertórios que estão escritos). Portanto, no ambiente universitário voltado para a música erudita, a função do texto é muito significativa.

A música popular (MP), por sua vez, pode ser entendida como “grande objeto de pesquisa interdisciplinar” (SEEGER, 2008 p. 237) e grande parte de seus processos são baseados na oralidade (por muito tempo foi a única). Diversos gêneros desse nicho têm suas raízes em manifestações várias da cultura popular e músicas religiosas não-ocidentais. Por tais manifestações não terem registros escritos de suas práticas (ou esse ser um procedimento recente), cabe aos diferentes agentes da música popular (educadores,

pesquisadores, instrumentistas, arranjadores, compositores e alunos) a função de encontrar alternativas para a utilização da mesma em suas atividades. Assim sendo, por sua posição estratégica (apresentando-se como local de pesquisa, produção de conhecimento e diálogo com a sociedade), o ambiente universitário apresenta-se como importante lugar para refletir, trilhar e propor novos caminhos e abordagens para o trato da música popular.

Tendo em mente as peculiaridades acima descritas, a pesquisa assume importante lugar nos cursos de graduação em MP. Em toda atividade na qual elementos e/ou gêneros desse campo da música estão presentes, o ato investigativo – seja por entrevistas, registros sonoros, ou material bibliográfico de áreas afins (se existir) – é manifesto. Outra importante característica comum às atividades nesse espaço acadêmico (estendida ao universo acadêmico como todo), é a constante presença dos processos de ensino-aprendizagem. Até mesmo em momentos como a prática de conjunto e ensaios (onde a transmissão de conhecimentos não parece tão óbvia), o educar(se) e aprender perpassam. Eles estão presentes em todas as circunstâncias nos cursos de graduação em música popular.

Assim sendo, a utilização conjunta da Etnomusicologia com a Educação Musical é importante nesse contexto. Os conceitos, métodos e diretrizes adotados por ambas, transitam nos diversos lugares em um curso de graduação em música popular. A primeira por, como afirmado, ser inerente ao contexto universitário. A segunda, por ter a música como principal instrumento para entender outras culturas.

Mesmo apresentando-se como áreas distintas, os diálogos e interseções entre Educação Musical e Etnomusicologia são constantes e de grande relevância. Sobre isso Queiroz (2010, p. 114) afirma:

Se para a educação musical os processos, situações e estratégias de ensinar e aprender constituem a própria natureza de seu campo de estudo, para a etnomusicologia tais aspectos representam uma vertente fundamental da música, sem a qual não é possível um entendimento significativo de uma cultura musical.

Portanto, é cada vez mais necessário promover a interlocução dessas áreas, e suas áreas conexas, com as demais práticas pertencentes ao ambiente universitário. Sendo assim, este artigo tem o objetivo de refletir sobre a utilização de alguns conceitos e ferramentas metodológicas presentes em trabalhos etnomusicológicos e antropológicos no contexto

universitário do ensino de música. Para tanto, serão realizadas aproximações entre artifícios e diretrizes presentes nas obras de Lühning (1991), Seeger (2015), Velho (1987) e Malinowski (1978), e algumas demandas inerentes às atividades dos cursos de Música Popular na Universidade.

Etnomusicologia, Educação Musical e o estudo da música popular nas Universidades brasileiras

A etnomusicologia, apesar de hoje constituir uma área específica do campo musical, tem como uma de suas raízes a antropologia. A grosso modo, podemos entender que seu maior objetivo é compreender o outro, mediado por processos de alteridade, através de sua música e todos seus aspectos circundantes¹.

No Brasil, a disciplina teve (e tem) importante papel na valorização da música popular no meio universitário. Além do já citado trabalho de Queiroz (2010), outros autores têm refletido sobre as conexões entre a área e a educação musical.

Compartilhando um pouco do percurso da área no Brasil, em contraste com seus desdobramentos em outros países, Lühning (1991, p. 13-14) afirma que a partir de 1990 (ano em que se instalou como área disciplinar no Brasil) a Etnomusicologia afirmou seu compromisso com as demandas da sociedade contemporânea brasileira e suas complexidades. Na sequência, a autora discorre sobre a então hegemonia da música erudita nos ambientes universitários e conservatoriais, a posição inferior da música popular nos mesmos e sua posterior valorização e introdução em tais locais. Sobre este momento Lühning (1991, p. 14), declara que

Com a inserção da etnomusicologia no cenário universitário este quadro de percepção (de)limitada de música começou a mudar aos poucos e finalmente surgiu uma proposta conceitual que permitisse perceber e discutir as diversidades das tradições musicais brasileiras a partir de outro ângulo

Assim, é possível constatar a importância desta área disciplinar na presença da música popular no meio acadêmico brasileiro. Dito isto, é necessário salientar que sua

¹ Para mais informações sobre história e definições de Etnomusicologia, ver Lühning (1991) e Piedade (2006).

importância extrapola a introdução da música popular no ambiente universitário. Como afirmado anteriormente, a Etnomusicologia brasileira foi pioneira em identificar e estudar as diversas manifestações musicais brasileiras e suas formas de transmissão de conhecimentos.

Os variados trabalhos etnomusicológicos, que têm a pesquisa de manifestações musicais brasileiras como foco, constituem importantes materiais de referência e consulta para o universo acadêmico. Os registros e reflexões presentes nestes trabalhos, auxiliam não apenas pesquisadores da área, mas também professores, instrumentistas, compositores e arranjadores que pretendam incorporar tais manifestações em suas práticas.

Portanto, ainda que tenha seu objetivo bem definido, é possível entender a contribuição da Etnomusicologia no contexto universitário com foco na MP em três âmbitos: conceitual (fornecendo novas perspectivas e reflexões no trato das diferentes ramificações da música popular), documental (catalogando diferentes expressões musicais) e metodológico (contribuindo com novas estratégias para a pesquisa em música popular). A seguir, alguns exemplos do estrato metodológico serão compartilhados.

Algumas ferramentas: Anthony Seeger a Antropologia musical

Surgida no início do séc. XX, a Etnomusicologia vem passando constantemente por diversas mudanças, principalmente no que se refere aos seus instrumentos de análise. Inicialmente adotada como principal recurso, a notação musical ocidental foi por um período refutada por muitos etnomusicólogos. Sob o argumento (totalmente plausível) de que esta ferramenta é insuficiente para registrar manifestações que não a música europeia de concerto, alguns pesquisadores chegaram a propor outras formas de notação. Entretanto, a utilização de gráficos, melógrafos e máquinas de autotranscrição não obteve muita aceitação da comunidade científica (RIBEIRO, 2001, p. 72).

Nesse sentido, Seeger (2015) fornece uma interessante contribuição no que se refere à utilização de diferentes ferramentas no fazer etnomusicológico. Combinando dados e reflexões provenientes de anos de relação com grupo estudado, aliados a uma exímia perícia narrativa, o autor se propõe a mostrar (e mostra) a música enquanto produtora de aspectos culturais e sociais dos Kisedje. A utilização de diversas ferramentas em *Por que cantam os Kisedje* é uma característica marcante.

Além da observação participante, Seeger incorpora em seus métodos a análise e comparação de registros sonoros e audiovisuais, bem como transcrições – tanto materiais produzidos por ele mesmo, quanto materiais de terceiros-. Ao analisar determinados cantos uníssonos, Seeger reconhece uma característica comum: a afinação ascendente. O autor afirma que só foi possível identificar tal fenômeno a partir da comparação de suas transcrições com o trabalho de Marina Roseman (SEEGER, 2015 p. 182- 193). Ainda sobre a transcrição musical, afirma:

Acredito que a transcrição nunca deveria ser um fim em si, mas antes uma ferramenta para levantar questões. Quando a obtenção de cópias de gravação é fácil, o valor documental das transcrições diminui bastante. Mas sua qualidade analítica continua a ser uma importante – ainda que limitada – ferramenta da etnomusicologia (SEEGER, 2015 p. 204).

Na mesma obra, o autor afirma a importância (para o etnomusicólogo) do estudo da música enquanto processo, no intuito de “suprir uma boa quantidade de dados etnográficos, de modo a retratar os processos sociais dos quais a música faz parte” (p. 171). Para tanto, sugere dissecar o “contexto dos eventos musicais (...) com base em respostas a questões jornalísticas básicas: O quê, onde, como, quando, por quem, para quem, por quê” (p.173).

Outra interessante característica na referida obra é a utilização do recurso audiovisual em complementação à escrita. Em diversos momentos o autor, ao descrever determinada situação, ou discorrer sobre determinada categorização, indica a faixa do DVD (que vem anexado ao livro) que corrobora e/ou exemplifica sua afirmação. Tal posicionamento, assumindo as limitações da escrita, contribui significativamente para o alcance da obra, além de por em prática o conceito de utilização de ferramentas diversas.

Sem dúvida esses três aspectos (transcrição, trato jornalístico e recursos audiovisuais) não são aproveitáveis em proporções iguais, nas diversas atividades de um curso de graduação em música popular, mas a adoção dos mesmos enquanto ferramentas é de grande contribuição.

Os livros-métodos dos diversos instrumentos, estudos de harmonia, percepção e arranjo, têm considerável produção no campo da música popular, mesmo que incipientes se comparados à produção relacionada à música erudita. A escrita musical ocidental está presente no ensino de música popular na universidade, e chega a ser uma certa obviedade

afirmar sua importância. A visão de Seeger em relação à transcrição (e por extensão, à escrita), é a de que ela é uma ferramenta; e como toda ferramenta, tem suas limitações. Não é saudável menosprezá-la nem superestimá-la.

Afirmar que a partitura é importante em um curso de música popular chega a ser um truísmo, mas o papel do audiovisual nesse contexto também é importante. O registro visual abarca e enfatiza aspectos que o texto não contempla, e as possibilidades de utilizá-lo como artifício são inúmeras. A seguir, alguns exemplos a título de ilustração: um professor pode utilizar um documentário que aborde determinada manifestação musical, com o objetivo de estudar um pouco da história da mesma, com seus alunos; o mesmo documentário pode servir como fonte para catalogação de principais células rítmicas presentes na mesma manifestação.

A ferramenta audiovisual pode servir também na divulgação acadêmica (recurso cada vez mais comum em trabalhos de pós-graduação *stricto sensu*) tanto de trabalhos pertencentes a programas profissionais, quanto a programas acadêmicos. Sem analisar os possíveis desdobramentos (o mesmo professor poderia utilizar as células rítmicas catalogadas nas aulas de percepção, por exemplo), as possibilidades são abundantes e cabe à universidade incorporá-la em suas práticas.

Dos três aspectos elencados, talvez o “espírito jornalístico” seja o mais visto como específico. Não há como negar que num bacharelado em música popular, o foco maior está na execução, enquanto que em uma licenciatura os processos de ensino-aprendizagem têm maior relevância. Mas, executar/ensinar o que? Para quem? Como? por quê?

Buscar responder essas perguntas, identificando os objetivos e intencionalidades presentes no ambiente é de grande relevância para a Universidade. Sem dúvidas não se espera que em uma disciplina, docente ou discente responda profundamente todas essas questões, sendo essenciais os trânsitos e diálogos entre as diversas frentes de estudo na área da música. Do mesmo modo, é imprescindível a comunicação com outras áreas do conhecimento que trabalham com a mesma temática.

Assim, a já citada Antropologia, que tem como objetivo o estudo amplo do homem e seus processos culturais e sociais², fornece importantes conceitos e ferramentas

² Aqui, refiro-me aos ramos da Antropologia conhecidos por Antropologia Cultural Social.

metodológicas para o estudo da música popular. A seguir, serão apresentadas algumas aproximações neste sentido.

Contribuições antropológicas: estranhando o familiar

O panorama descrito por Lühning, no que concerne aos caminhos trilhados pela Etnomusicologia brasileira, converge com a mudança de foco identificada nos trabalhos antropológicos a partir da segunda metade do séc. XX. Antes dela, grande parte dos trabalhos se dedicavam a pesquisar grupos isolados, geograficamente distantes, e pouco conhecidos. Gradativamente, o interesse por grupos relativamente próximos geograficamente foi aumentando, e trabalhos com essas características se tornaram cada vez mais comuns.

Contudo, tais condições de trabalho proporcionam outras demandas, exigindo novas reflexões relativas às peculiaridades da pesquisa. Neste sentido, o trabalho de Velho (1987), a partir de um pensamento aplicado ao fazer antropológico urbano, fornece interessante contribuição, sugerindo e refletindo conceitos, práticas e métodos.

Invocando os conceitos de “familiar” e “exótico” apresentados por Roberto Da Matta, Velho (1987) reflete sobre possíveis perigos advindos de uma situação de pesquisa na qual o antropólogo estuda um contexto a que está habituado (familiar). O autor chama atenção para o fato de que “o que sempre vemos e encontramos pode ser familiar mas não é necessariamente conhecido”, mesmo “sempre pressupondo familiaridades (...) como fontes de conhecimento” (VELHO, 1987, p.39). Na sequência, alerta para a superficialidade deste pensamento, pois assumindo-o, o pesquisador tende a construir análises estereotipadas, portanto, superficiais. Assim, propõe um olhar de estranhamento perante o familiar, cujo objetivo é um conhecimento mais integral e assertivo possível do contexto (p. 39-40)

Adaptando tal conceito para o âmbito aqui retratado, o estudo do que é familiar apresenta-se constante na vida dos indivíduos que trabalham com música popular na universidade. Como analisar (e posteriormente, utilizar em suas práticas) uma manifestação musical que nos é corriqueira, sem ocorrer no grande risco de negligenciá-la? O estranhamento perante o que é familiar, proposto por Velho, é de grande valia quando o

tema é pesquisa em música popular. Uma breve reflexão em torno do samba se mostra interessante.

Reconhecido internacionalmente, o samba é visto como um índice de brasilidade, gênero que caracteriza o Brasil. Identificar músicas que se enquadram nessa classificação é uma tarefa, relativamente comum. Alguns trabalhos, a exemplo de Sandroni (2001), se dedicam a identificar aspectos que forjam a homogeneidade do gênero. Esses mesmos trabalhos também indicam, a todo momento, os diversos subgêneros, nuances e sotaques que constituem todo o aglomerado de manifestações que entendemos por samba.

Tão importante quanto verificar as similaridades, é distinguir as diferenças. O contrário disso seria negligenciar esse tão importante e plural gênero brasileiro. Assim, cabe à Universidade e seus integrantes o permanente estranhamento perante os diversos sambas que irão passar nessa avenida, “buarqueanamente” falando³. “Por que tal samba soa diferente deste outro?” “Quais aspectos os diferem?” “Esses aspectos estão presentes em outras obras? Ou trata-se de um subgênero? Ou mesmo é um recurso dos intérpretes ou compositores da obra?”.

Buscar as respostas para essas perguntas proporciona ao ambiente universitário um constante processo na identificação do samba enquanto gênero e instituição cultural e social brasileira. E isso só é possível a partir da inquietude proporcionada pelo olhar de estranhamento ao que é familiar. Eis um exemplo da utilização de um conceito antropológico como ferramenta para o estudo da MP, em todas suas potencialidades. Dito isto, é interessante analisar as possibilidades de atuação no contexto da MP, de um método largamente difundido e utilizado na antropologia: a etnografia.

O método etnográfico e suas contribuições

Outra importante contribuição metodológica advém do estudo e reflexão sobre as potencialidades do método etnográfico. Nascida na antropologia, a etnografia apresenta-se como relevante instrumento metodológico em diversas disciplinas e áreas do conhecimento⁴. O método etnográfico vem ao longo do tempo, modificando-se e

³ Alusão a “vai passar”, composição de Chico Buarque.

⁴ Para mais informações sobre etnografia, seus desenvolvimentos e relações com Antropologia, ver Uriarte (2012)

adequando-se de acordo com as especificidades e demandas de cada período, pesquisador e circunstâncias de cada pesquisa. Ainda assim, é possível identificar algumas obras que estabeleceram parâmetros e diretrizes para o fazer etnográfico moderno.

Nesse contexto, destaca-se *Os Argonautas do Pacífico Ocidental*, de Bronislaw Malinowski (1978), considerada umas das primeiras etnografias. Na introdução da referida obra o autor estabelece três caminhos para se atingir os objetivos da pesquisa de campo etnográfica. São eles:

organização da tribo e anatomia da sua cultura [por meio do] método de documentação concreta e estatística; [inserindo as] imponderabilidades da vida real e o tipos de comportamento, (...) recolhidos através de observações minuciosas e detalhadas; recolha de depoimentos etnográficos, narrativas características (...), como documento da mentalidade nativa (MALINOWSKI, 1978, p. 89).

É necessário ponderar que o trabalho em questão foi elaborado nas primeiras décadas do séc. XX, e seu contexto era muito diverso das realidades encontradas nos trabalhos etnográficos mais atuais. Entretanto, suas diretrizes fornecem conceitos a serem utilizados nas mais diversas situações.

Como afirmado, o alcance do método etnográfico extrapola os limites da grande área das humanidades, atingindo pesquisas na área das Ciências Biológicas. Este fato é identificável no trabalho de Víctora, Knauth e Hassen (2000). As autoras, a partir dos três caminhos descritos por Malinowski referentes ao fazer etnográfico, propõe um paralelismo destes conceitos supracitados com a natureza dos dados presentes em uma pesquisa qualitativa em saúde. São eles, respectivamente: documentos escritos, dados da observação e depoimentos (2000, p. 53-55).

Mesmo se tratando da adequação de ferramentas etnográficas para uma realidade de pesquisa na área de saúde, essa triangulação no que concerne à natureza das informações obtidas em uma pesquisa, é identificável também no campo das humanidades. Pensando nos elementos constitutivos desses três grupos de dados e suas características, é possível identificar recursos e condições descritas na pesquisa da MP.

Os documentos escritos dizem respeito aos registros gráficos em geral: sejam partituras, ou mesmos textos discursivos que abordem e descrevam as diversas manifestações musicais; através destes é possível compreender, mesmo que minimamente,

alguns aspectos “anatômicos” de determinada manifestação musical. Os dados da observação remetem aos processos de análise e escuta dos diversos registros sonoros; a partir deles verificamos os “imponderáveis” musicais. Os depoimentos são as fontes provenientes da tradição oral, que indicam o “espírito”, sentimentos e pontos de vista de determinada música. O manejo e equilíbrio entre esses três tipos de fontes, é de suma importância, dado que “a triangulação possibilita uma aproximação dos diferentes níveis e permite uma apreensão mais ampla da realidade” (VÍCTORA, KNAUTH e HASSEN, 2000, p. 55).

Ora importante contribuição nesse sentido é o já citado artigo de Anthony Seeger, denominado *Etnografia da música* (2008). Manipulando diversas áreas e correntes que envolvem a música, Seeger, em diversos momentos, apresenta ideias que dialogam - com as devidas ressalvas referentes aos contextos e objetivos de ambos os textos - com o pensamento de Malinowski. Ao discorrer sobre as características do fazer etnográfico em música, o autor defende que “uma combinação de pesquisa de campo, investigação de categorias nativas e uma descrição cuidadosa são as marcas da etnografia da música” (SEEGER, 2008, p. 256)

Sem dúvidas, na mesma medida em que as diferenças são perceptíveis, há semelhanças entre as ideias defendidas por cada autor. Perceber as particularidades do método etnográfico, e refletir seus alcances na MP proporciona ao círculo universitário dedicado à música uma maior clareza nos seus campos de ação e ferramentas.

Considerações finais

Assim como a definição do conceito de Música Popular é plural, suas possibilidades no que concerne às abordagens, metodologias, práticas e pesquisa também o são. Nesse sentido, o ambiente universitário é estratégico: lugar de convergência dos diversos campos do conhecimento e seus diálogos com demais setores da sociedade.

Pensar e fazer música popular na Universidade, tendo como suporte reflexões e ferramentas advindas de outras áreas do conhecimento, contribui bastante na consolidação do campo e do contexto em questão. Então, é essencial assumir o caráter interdisciplinar da música popular (mais uma vez recorrendo a Seeger), tendo em mente que o diálogo entre as

diversas áreas e subáreas do conhecimento humano é tão importante quanto o desenvolvimento das mesmas em separado. Nesse constante trânsito entre conhecimentos específicos e gerais, os cursos de graduação em música têm uma importante função, provocando e sendo provocados acerca dos diversos pontos de vista que envolvem o estudo, pesquisa e prática da MP.

Neste sentido, este trabalho teve o intuito de fornecer uma pequena contribuição, elaborando aproximações entre determinadas ferramentas e conceitos etnomusicológicos e antropológicos, com as demandas e peculiaridades da música popular no ambiente universitário.

Referências

LÜHNING, Angela. Temas emergentes da etnomusicologia brasileira e seus compromissos sociais. *Música em Perspectiva*, [s.l.], v. 7, n. 2, p.7-25, 2014. Universidade Federal do Paraná. Disponível em: <<https://revistas.ufpr.br/musica/article/view/41501/25451>>. Acesso em: 30 maio 2019

MALINOWSKI, Bronislaw Kaspes. *Argonautas do Pacífico Ocidental*: .um relato do empreendimento e da aventura dos nativos nos arquipélagos da Nova Guiné Melanésia. Tradução Anton P. Carr. São Paulo: Abril Cultural, 1978. Disponível em: <<http://www.ppga.propesp.ufpa.br/ARQUIVOS/sele%C3%A7%C3%A3o%202016/Docfoc.com-MALINOWSKI_Argonautas-Do-Pacifico-Occidental-Os-Pensadores.pdf.pdf>. Acesso em: 30 maio 2019.

NAPOLITANO, Marcos. *História & música*: história cultural da música popular. Belo Horizonte: Autêntica, 2002.

PIEIDADE, Acácio Tadeu de C.. Etnomusicologia e estudos musicais: uma contribuição ao estudo acadêmico do jazz. *Nupeart*, Florianópolis, v. 4, n. 4, p.59-88, 2006. Disponível em: <<http://www.revistas.udesc.br/index.php/nupeart/article/view/2656/1967>>. Acesso em: 30 maio 2019.

QUEIROZ, Luis Ricardo Silva. Educação musical e etnomusicologia: caminhos fronteiras e diálogos. *Opus*, Goiânia, v. 16, n. 2, p.113-130, dez. 2010. Disponível em: <<http://www.anppom.com.br/revista/index.php/opus/article/view/221>>. Acesso em: 30 maio 2019.

RIBEIRO, Hugo Leonardo. Análise musical em Etnomusicologia. *Ictus*, Salvador, v. 4, p.69-82, 2001. Disponível em: <http://hugoribeiro.com.br/biblioteca-digital/Ribeiro-analise_musical_etnomusicologia.pdf>. Acesso em: 30 maio 2019.

SANDRONI, Carlos. *Feitiço Decente: transformações no samba no Rio de Janeiro (1917-1933)*. Rio de Janeiro: Zahar, 2001.

SEEGER, Anthony. *Por que cantam os Kisedje*. Tradução Guilherme Werlang. São Paulo: Cosac Naify, 2015.

_____. Etnografia da Música *Cadernos de Campo*, São Paulo, número do volume e/ou numeração do ano, n.17, p. 237-259, 2008. Disponível em <http://www.revistas.usp.br/cadernosdecampo/article/view/47695>. Acesso em: 30 maio 2019.

TORRES, Cleyton et al. *A música popular pede passagem*. 2017. Disponível em: <<https://www.unicamp.br/unicamp/ju/noticias/2017/04/25/musica-popular-pede-passage>>. Acesso em: 30 maio 2019.

URIARTE, Urpi Montoya. O que é fazer etnografia para os antropólogos. *Ponto Urbe*, [s.l.], n. 11, p.1-13, dez. 2012. Disponível em: <<https://journals.openedition.org/pontourbe/300>>. Acesso em: 30 maio 2019.

VELHO, Gilberto. Observando o familiar. In: VELHO, Gilberto *Individualismo e cultura: notas para uma antropologia da sociedade contemporânea*. Rio de Janeiro: Zahar, 1987. p. 123-133.

VÍCTORA, Ceres Gomes; KNAUTH, Daniela Riva; HASSEN, Maria de Nazareth Agra. *Pesquisa Qualitativa em Saúde: Uma introdução ao tema*. Porto Alegre: Tomo, 2000.